

## Bateria de avaliação do temperamento infantil – forma revista

Maria Margarida Almeida<sup>1</sup>, Maria João Seabra-Santos<sup>2</sup> & Sofia Major<sup>3</sup>

Numerosos estudos sugerem que o temperamento pode ser considerado uma variável particularmente útil na compreensão das interações entre as crianças e o seu ambiente social. É neste sentido que a avaliação do temperamento tem vindo a ser destacada como um componente importante da avaliação psicológica de crianças. Neste artigo é apresentado o questionário *Temperament Assessment Battery for Children – Revised* (TABC-R, Martin & Bridger, 1999), versões para pais e para professores, aplicável a crianças com 2 a 7 anos, quanto à composição, fundamentação teórica, procedimentos de aplicação e correção e interpretação dos resultados. Em seguida expõem-se os estudos sobre a TABC-R conduzidos no nosso país (N=138), com especial destaque para investigações no âmbito da respectiva precisão e validade. Em geral, os resultados apontam para boas características psicométricas, animadoras quanto ao potencial de utilização do questionário em Portugal, tanto mais que não existem no nosso país instrumentos alternativos para avaliar o temperamento nesta faixa etária. Finalmente é feita uma avaliação crítica da TABC-R incidindo sobre as suas principais potencialidades e limitações e são apontadas pistas para estudos futuros.

PALAVRAS-CHAVE: Temperamento; Idade pré-escolar; Avaliação psicológica; TABC-R.

### 1. Introdução

O interesse crescente da investigação na área do temperamento deve-se, em grande parte, ao trabalho pioneiro desenvolvido por Alexander Thomas e Stella Chess, com início em 1956, na cidade de Nova Iorque, o qual ficou conhecido com a designação de *New York Longitudinal Study* (NYLS). Este casal de psiquiatras americanos parte da premissa de que as crianças apresentam diferenças individuais no seu temperamento, tendo estas um papel relevante tanto em situações

---

1 Hospital Pediátrico de Coimbra, Centro Hospitalar de Coimbra - margarida.almeida@chc.min-saude.pt

2 Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Centro de Psicopedagogia, Universidade de Coimbra

3 Bolseira de Doutoramento da FCT

de desenvolvimento normal como desviante. Elaboram um modelo segundo o qual o desenvolvimento é encarado como um processo dialéctico de interacção entre o organismo e o meio, onde o conceito de “*goodness of fit*”, ou justeza do ajustamento, se reveste de uma importância crucial. Segundo os autores, ocorre “*goodness of fit*” quando as capacidades do indivíduo, o seu temperamento e outras características individuais estão de acordo com as oportunidades, exigências e expectativas do meio (Chess & Thomas, 1996; 1999).

Estudado por diferentes autores, o conceito de temperamento apresenta uma grande quantidade de definições, com diversos modelos teóricos subjacentes. Mas, se por um lado, são evidentes algumas divergências teóricas entre os vários autores, por outro, existem alguns aspectos que podem ser considerados consensuais na caracterização do temperamento, nomeadamente o seu surgimento precoce, o facto de se reflectir em diferenças individuais no comportamento e na personalidade, o facto de possuir um substrato neurobiológico, e a sua relativa estabilidade, embora podendo ser influenciado por condições ambientais (como, por exemplo, por práticas parentais).

As inúmeras investigações que têm surgido nas últimas décadas têm evidenciado, de uma forma sistemática, a importância que a aplicação do constructo pode ter no funcionamento das crianças de um modo geral, e em domínios específicos, de uma forma particular. Assim, e relativamente ao desenvolvimento em geral, alguns estudos têm confirmado que o temperamento pode expor ou, pelo contrário, proteger as crianças, face a eventuais riscos do meio ambiente (Rutter, 1989; Keogh, 1994). Outras têm relacionado o temperamento com problemas de comportamento (Sanson, Hemphill & Smart, 2004), delinquência (Windle, 2000) e psicopatologia (Bates, 1989a; Carey, 1989; Frick, 2004; Maziade, 1994; Mervield, De Clercq, De Fruyt & Van Leeuwen, 2005; Rutter, 1989; Saltaris, 2002; Schmeck & Poustka, 2001). Outros, ainda, têm relacionado as características temperamentais com vários aspectos do funcionamento escolar (Keogh, 1989; Martin, 1989; Martin & Bridger, 1999; Martin, Olejnik, & Gaddis, 1994). Numerosas investigações têm evidenciado, ainda, o papel moderador que o temperamento pode desempenhar nas respostas a situações de stresse desde o nascimento (Ramsay, 2001; Strelau, 2001), assim como a sua relação com a capacidade de resiliência na infância (Kagan, Reznick & Snidman, 1989; Rutter, 1989; Hepburn, 2003). Do ponto de vista do desenvolvimento social, o temperamento tem sido relacionado com a qualidade da vinculação mãe/criança (Chess & Thomas, 1989; Van Den Boom, 1989; Bates, 1989b), e com a quantidade e qualidade das interacções entre a criança e o prestador de cuidados (Keogh, 1994; Rutter, 1989; Zigler, 1994). Estes são, apenas, alguns dos exemplos que atestam o interesse que o tema tem suscitado na comunidade científica internacional.

Neste artigo apresenta-se um instrumento criado com o objectivo de avaliar o temperamento de crianças em idade pré-escolar – a Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil – Forma Revista, de Martin e Bridger (1999).

### 1.1 Indicações

A Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil – Forma Revista (*Temperament Assessment Battery for Children – Revised*, TABC-R) destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 7 anos. Foi editada em 1999 por Roy Martin e Robert Bridger e representa uma revisão de uma primeira edição publicada em 1988 (Martin, 1988). Esta bateria avalia o temperamento infantil através de duas grandes escalas, a Escala de Inibição e a Escala de Impulsividade, sendo esta última composta por um conjunto de três subescalas: Emotividade Negativa, Nível de Actividade e Falta de Persistência em Tarefa. A TABC-R permite, igualmente, identificar seis Tipos de Temperamento: *Inibido*, *Emotividade Elevada*, *Impulsivo*, *Típico*, *Reservado*, *Desinibido* e *Passivo*. Possui duas formas, uma destinada aos pais, composta por 37 itens, e outra aos professores, composta por 29 itens<sup>4</sup>.

### 1.2 Fundamentação teórica

Com a criação da TABC-R os autores pretenderam disponibilizar um instrumento de medida que fosse consistente com a sua própria teoria relativa à natureza, estrutura e tipos de temperamento (Martin & Bridger, 1999). Assim, a TABC-R tem subjacente um modelo teórico neuropsicológico preconizado por Jeffrey Gray (1972, 1985, 1987, 1991, citados por Martin & Bridger, 1999) no qual se destacam dois amplos sistemas neuroanatómicos: o Sistema de Inibição Comportamental (*Behavior Inhibition System – BIS*) e o Sistema de Activação Comportamental (*Behavior Activation System – BAS*). Em termos gerais, o Sistema de Inibição Comportamental (BIS) é um sistema neuroanatómico particularmente sensível aos estados de punição e de não-recompensa e, como tal, entra em funcionamento nas respostas de inibição face à novidade, assim como nas respostas de ansiedade face aos sinais de punição. O segundo, o Sistema de Activação Comportamental (BAS) é um sistema neuroanatómico sensível aos sinais de recompensa. Desta forma, e perante tais sinais, este sistema é responsável por comportamentos de exploração e respostas de aproximação. Assim, e no contexto desta teoria, a Escala de Inibição da TABC-R avalia as funções do Sistema de Inibição Comportamental (BIS), enquanto a Escala de Impulsividade avalia as funções do Sistema de Activação Comportamental (BAS).

---

4 Os direitos de edição e distribuição são propriedade dos autores (Martin e Bridger, Universidade da Geórgia, EUA), que autorizaram a investigação desta adaptação para Portugal. A TABC-R pode ser utilizada para fins de investigação e intervenção, após pedido formal aos autores da bateria.

À luz deste modelo teórico, as diferenças individuais no temperamento devem-se a diferenças na reactividade destes dois sistemas (Martin & Bridger, 1999). A TABC-R assenta em 19 pressupostos teóricos, enunciados pelos seus autores e distribuídos em três grandes categorias, relativas à natureza, estrutura e tipologia do temperamento, respectivamente (para uma exploração mais detalhada deste tópico, consultar Almeida, 2007). Sobre a *natureza* do temperamento postula-se, por exemplo, que as diferenças individuais são relativamente estáveis durante a vida, são inicialmente influenciadas por factores genéticos e, após o nascimento, igualmente pelo meio social; e que as características temperamentais da criança são a base a partir da qual serão construídos comportamentos mais complexos. Relativamente à *estrutura* do temperamento os autores consideram que, enquanto na primeira infância a intensidade de expressão da emotividade, em particular da emotividade negativa, é considerada um dos elementos fundamentais do temperamento, nas crianças de idade pré-escolar os três traços de inibição, impulsividade e emotividade positiva representam as dimensões mais importantes na descrição das características temperamentais. Quanto à *tipologia* do temperamento, Martin e Bridger (1999) defendem que a individualidade do temperamento é mais facilmente detectada usando uma abordagem da pessoa como um todo, do que uma abordagem de variáveis isoladas. É neste contexto que se enquadra a tipologia composta por sete Tipos de Temperamento anteriormente referida.

### **1.3 Procedimentos de aplicação e correcção**

A TABC-R é uma bateria de administração rápida, tomando aproximadamente 12 minutos na versão para pais e 10 minutos na versão para professores. Ambas as formas (Pais e Professores), devem ser preenchidas num ambiente calmo, em que seja possível reflectir sobre o comportamento da criança. No caso de haver vários prestadores de cuidados a responder ao questionário para a mesma criança, deverão fazê-lo de forma independente, e deverão ter em conta o comportamento da criança durante os últimos três meses. Para estar em condições de responder, os professores deverão conhecer a criança há, pelo menos, dois meses. No caso de o avaliador apresentar qualquer dificuldade de leitura, o questionário poderá ser respondido oralmente.

Os itens são apresentados em termos de frequência da ocorrência do comportamento em causa, numa escala de 7 pontos em que o (1) representa “quase nunca” e o (7) traduz “quase sempre”. A cotação é feita de acordo com a mesma escala de 7 pontos, sendo os valores relativos aos vários itens somados, e os somatórios convertidos em resultados T (média 50, desvio-padrão 10) para as duas Escalas avaliadas pela TABC-R, Inibição e Impulsividade e para as subescalas da Impulsividade (Emotividade Negativa, Nível de Actividade e Falta de Persistência

em Tarefa). Com base nos resultados é, igualmente, possível obter um perfil do temperamento da criança.

#### **1.4 Interpretação dos resultados**

A Escala de Inibição mede a tendência da criança para evitar situações sociais novas, hesitar em se aproximar de estranhos e ser cautelosa quando se envolve em tarefas novas. A Escala de Impulsividade avalia: a) através da subescala Emotividade Negativa: a incapacidade para controlar as emoções, reagindo às frustrações com comportamentos como gritar ou chorar; b) através da subescala Nível de Actividade: a incapacidade para controlar comportamentos motores em situações que o requeiram; c) através da subescala Falta de Persistência em Tarefa: a incapacidade para manter a atenção durante períodos prolongados ou para aprender tarefas novas que envolvam alguma dificuldade. Com base na TABC-R, podem, ainda, ser identificados seis Tipos de Temperamento: o *Tipo Inibido*, que corresponde às crianças que obtêm resultados elevados na Escala de Inibição e moderados na Escala de Impulsividade; o *Tipo Emotividade Elevada*, constituído por crianças que obtêm resultados elevados na Escala de Inibição e na Escala de Impulsividade; o *Tipo Impulsivo*, que caracteriza as crianças com resultados elevados na Escala de Impulsividade; o *Tipo Típico*, correspondente às crianças que obtêm resultados moderados nas Escalas de Inibição e de Impulsividade; o *Tipo Reservado*, no qual se enquadram as crianças que obtêm resultados moderados nas Escalas de Inibição e baixos na Escala de Impulsividade; *Tipo Desinibido*, constituído por crianças com resultados baixos na Escala de Inibição e moderados na Escala de Impulsividade. Por fim, na versão para professores pode ser identificado um outro tipo, o *Tipo Passivo*, que engloba as crianças que obtêm resultados baixos simultaneamente nas Escalas de Inibição e de Impulsividade.

## **2. Estudos realizados em Portugal**

### **2.1 Data e objectivos**

A TABC-R foi traduzida para português em 2005, por uma especialista em avaliação psicológica com um bom domínio da língua inglesa. O processo constou de tradução e retroversão com revisão por um dos autores da Bateria (Roy Martin), que acompanhou todo o processo de adaptação dos itens à língua e à realidade portuguesas. A retroversão dos itens traduzidos foi efectuada por um profissional escolhido por aquele autor e que desconhecia a versão original em inglês. Seguiu-se uma fase de utilização experimental, em que foi pedido a pais, professores e psicólogos que comentassem a clareza dos itens e a eventual

necessidade de proceder a reformulações. A versão experimental ficou concluída em 2006, estando ainda sujeita a eventuais acertos no futuro, decorrentes de outros estudos, de natureza mais quantitativa, que serão feitos no contexto da aferição da TABC-R para a população portuguesa. Foi esta a versão utilizada no estudo que em seguida se descreve.

### **2.2 Amostra e metodologia**

O estudo realizado incidiu sobre uma amostra de 138 crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 7 anos, 36 das quais com Síndrome de Down, 33 com Autismo, 33 Nascidas Prematuramente (subamostras clínicas) e 36 crianças com desenvolvimento normal. A relação entre o número de rapazes e o de raparigas é de aproximadamente 2 para 1 em todas as subamostras excepto na composta por crianças com Autismo, em que essa relação é de cerca de 4 para 1. O nível socioeconómico das famílias é maioritariamente baixo ou médio. A recolha de dados referente às três subamostras clínicas foi realizada, respectivamente, nas Consultas de Trissomia 21, de Autismo e de Recém Nascidos de Alto Risco do Centro de Desenvolvimento da Criança do Hospital Pediátrico de Coimbra. A subamostra de controlo foi recolhida em três jardins-de-infância da zona centro. A selecção desta última teve em conta as variáveis idade, género, nível socioeconómico, área de residência e zona geográfica, de forma a constituir uma subamostra com características idênticas às das subamostras clínicas.

Para cada criança dos grupos Síndrome de Down e Autismo foram preenchidos 4 questionários, por 4 mediadores diferentes (mãe, pai, educadora do ensino regular e educadora dos apoios educativos). Para os outros dois grupos avaliados, isto é, o das crianças Nascidas Prematuramente e o grupo com desenvolvimento normal, foram preenchidos 3 questionários (mãe, pai, educadora do ensino regular).

### **2.3 Análises quantitativas**

A análise dos valores das correlações de cada item com o resultado total da dimensão respectiva (correlação do item com o total corrigido) mostra que, na generalidade dos casos, os coeficientes atingem valores superiores a .20. As correlações são mais elevadas na Escala Inibição do que na Escala Impulsividade (respectivamente 82% e 57% apresentam valores superiores a .40), e na versão para professores do que na versão para pais (respectivamente 79% e 51% apresentam valores superiores a .40). Os nossos resultados sugerem que, de um modo geral, a forma como os itens estão distribuídos pelas várias dimensões da TABC-R americana é válida também para a versão portuguesa. Existem, contudo, algumas excepções, todas elas na Escala Impulsividade, verificando-se que alguns itens desta Escala (3 na

versão para pais e 3 na versão para professores) apresentam correlações com o total inferiores a .20. Os coeficientes mais baixos registam-se na subescala Nível de Actividade, versão para pais. Estudos futuros, assentes em amostras de maiores dimensões – nomeadamente estudos de análise factorial – poderão sugerir a necessidade de recolocar alguns destes itens, de modo a tornar as respectivas dimensões mais homogéneas.

O cálculo de correlações entre a *idade* das crianças e os resultados da TABC-R mostram que, na dimensão Inibição se registam algumas correlações significativas negativas na amostra com desenvolvimento normal, nomeadamente no que diz respeito às avaliações efectuadas pelas mães e pelas educadoras do ensino regular (-.41 e -.35, respectivamente). Este dado significa que, quer as mães, quer as educadoras das crianças com desenvolvimento normal avaliam-nas como sendo progressivamente menos inibidas, à medida que elas avançam na idade. No que diz respeito à dimensão Impulsividade, as educadoras do ensino regular avaliam as crianças da amostra de controlo como sendo cada vez menos impulsivas, à medida que a idade aumenta ( $r=-.35$ ). Estes resultados estão de acordo com os obtidos para a amostra de aferição americana e apoiam a teoria desenvolvimental de acordo com a qual é de esperar que o nível médio de emotividade negativa e de outras variáveis relacionadas (tal como o nível de actividade) atinjam valores máximos por volta dos 2-3 anos, sofrendo um declínio ao longo do período pré-escolar, à medida que a criança se torna mais capaz de modular as emoções, o nível de actividade e a atenção (Martin & Bridger, 1999). Por outro lado, tanto as educadoras do ensino regular como as dos apoios educativos avaliam as crianças com Autismo como sendo progressivamente mais impulsivas com a idade ( $r=.40$  em ambos os casos). Já nas amostras com Síndrome de Down e de crianças nascidas prematuramente não se verificaram quaisquer correlações significativas com a idade.

No que toca à variável *género*, é na subamostra de crianças com Síndrome de Down que se registam as diferenças mais salientes entre rapazes e raparigas, sendo as meninas avaliadas por todos os mediadores como mais inibidas e menos impulsivas do que os rapazes, ainda que as diferenças só sejam estatisticamente significativas nos questionários respondidos pelos progenitores (ou só pelas mães, no que toca à Impulsividade). Também nas subamostras de crianças com desenvolvimento normal e nascidas prematuramente se assinala que os rapazes tendem a ser avaliados por todos os mediadores como mais impulsivos do que as meninas, ainda que a única diferença estatisticamente significativa se verifique na segunda destas subamostras e nos questionários respondidos pela mãe.

Finalmente, não verificámos qualquer diferença no temperamento das crianças em função do respectivo *nível socioeconómico*.

#### **2.4 Resultados relativos à precisão**

A precisão da TABC-R foi avaliada de acordo com dois parâmetros: a sua consistência interna, através do coeficiente Alfa de Cronbach, e o acordo entre avaliadores.

Relativamente à consistência interna foi calculado o coeficiente Alfa de Cronbach para cada um dos mediadores e em cada uma das quatro subamostras. No que diz respeito às duas grandes dimensões, a Inibição e a Impulsividade foram encontrados bons valores de consistência interna, a maioria dos quais superiores a .80, sendo os coeficientes relativos à escala Inibição (.64 a .86) um pouco inferiores aos verificados para a escala Impulsividade (.80 a .95). No que diz respeito às subescalas da dimensão Impulsividade, nomeadamente, Emotividade Negativa, Nível de Actividade e Falta de Persistência, os valores de Alfa são, como seria de esperar, mais baixos (respectivamente iguais a .60 a .89, .42 a .84 e .57 a .92) atendendo ao número reduzido de itens que entram na composição destas subescalas.

No que diz respeito ao *acordo entre avaliadores*, para cada amostra e para cada dimensão e subdimensão foram calculadas as correlações entre as avaliações feitas pelos diferentes mediadores. O que se observa, em todas as amostras, é o seguinte: a) o acordo entre as avaliações dos mediadores que observam as crianças no mesmo contexto (mãe/pai; educadora do ensino regular/educadora do apoio educativo) é elevado (na ordem de .60 a .80 para Inibição e Impulsividade) e muito superior ao acordo entre avaliações efectuadas por mediadores que observam as crianças em contextos diferentes (na ordem de .10 a .35, também para as escalas Inibição e Impulsividade, entre mãe ou pai e educadora); b) o acordo entre as avaliações dos educadores é superior ao acordo entre as avaliações dos progenitores (valores médios iguais a .73 e a .62, respectivamente); c) o acordo entre as avaliações de qualquer um dos progenitores e as educadoras do ensino regular é ligeiramente superior ao acordo registado entre os primeiros e as educadoras dos apoios educativos – no primeiro caso, coeficientes de correlação estatisticamente significativos, com valores iguais a .24 para a mãe e .29 para o pai; no segundo caso, coeficientes respectivamente iguais a .22 e a .20, não-significativos.

#### **2.5 Resultados relativos à validade**

As correlações encontradas entre as duas principais dimensões avaliadas pela TABC-R, a Inibição e a Impulsividade, foram baixas, com valores muito próximos de zero nas duas versões (máximo de .11, nos questionários respondidos por educadores). Estes resultados são coincidentes com os encontrados para a versão americana e dão suporte à teoria subjacente a esta Bateria, segundo a qual as dimensões Inibição e Impulsividade são independentes entre si, na medida em que expressam a reactividade de dois sistemas neuroanatômicos distintos e inde-



pendentes: o Sistema de Inibição Comportamental (BIS) e o Sistema de Activação Comportamental (BAS), respectivamente. Por outro lado, as correlações entre os vários indicadores de impulsividade (Emotividade Negativa, Nível de Actividade e Falta de Persistência) apresentam valores positivos, significativos e de magnitude moderada, que colocam em evidência a relação existente entre estas dimensões do temperamento pré-escolar, principalmente no ambiente de sala de aula (os coeficientes de correlação obtidos nos questionários respondidos por professores apresentam valores entre .45 e .55). Refiram-se, como excepção, os coeficientes mais baixos obtidos entre a subescala Falta de Persistência e as restantes duas subescalas, nos questionários respondidos pelos pais (considerando mães e pais conjuntamente obtêm-se coeficientes iguais a .11 e a .22, respectivamente com a Emotividade Negativa e com o Nível de Actividade), que traduzem, provavelmente, a menor possibilidade de observação que os pais têm no que toca a comportamentos das crianças que exigem maior persistência em tarefa.

Num estudo de *validade concorrente* no qual foram calculadas correlações entre os resultados obtidos por 40 crianças pré-escolares na TABC-R e numa escala de avaliação de aptidões sociais e de problemas de comportamento (versão portuguesa das PKBS-2, Merrell 2002), ambas respondidas por educadores, obteve-se o seguinte padrão de correlações: correlações negativas significativas, com valores entre -.46 e -.53, entre as escalas Inibição, Impulsividade e subescala Falta de Persistência em Tarefa da TABC-R e a escala de Aptidões Sociais das PKBS-2; e correlações positivas significativas, com valores entre .56 e .78 entre a escala Impulsividade e respectivas subescalas da TABC-R e a escala Problemas de Comportamento das PKBS-2 (Major, 2007). Estes resultados parecem indiciar que crianças mais inibidas e/ou impulsivas poderão ter mais problemas ao nível das interacções sociais. Por outro lado, as crianças cujo temperamento é mais impulsivo poderão apresentar, igualmente, uma maior incidência de problemas de comportamento.

No que diz respeito à comparação dos resultados da TABC-R com os de escalas cognitivas, não foram, até ao momento, efectuados em Portugal quaisquer estudos neste âmbito. Porém, as investigações que correlacionaram a versão americana com várias escalas como as *Differential Ability Scales*, o *Peabody Picture Vocabulary Test – Revised* ou o *Test of Visual Motor Integration* chegaram, como seria de esperar, a correlações baixas com estes vários instrumentos, à excepção da sub-dimensão Falta de Persistência em Tarefa, que se mostrou correlacionada negativamente com a capacidade cognitiva.

Finalmente, no que toca aos estudos de validade com a versão portuguesa da TABC-R, a investigação que realizámos põe em evidência que se trata de um instrumento capaz de discriminar as características temperamentais de crianças de grupos clínicos específicos, comparativamente a crianças com desenvolvimento normal, na

medida em que foram encontradas diferenças significativas entre as 4 subamostras estudadas, em todas as dimensões do temperamento avaliadas pela TABC-R. Mais concretamente: a) Na amostra com Síndrome de Down foram identificadas diferenças significativas na dimensão Inibição e subdimensão Falta de Persistência, comparativamente à amostra de controlo. Relativamente à primeira, as mães e os pais avaliaram os filhos como menos inibidos contrariamente às educadoras do ensino regular e dos apoios educativos, que avaliaram as mesmas crianças como mais inibidas, em comparação com as crianças com desenvolvimento normal. No que diz respeito à subdimensão Falta de Persistência, todos os mediadores avaliaram as crianças desta amostra como menos persistentes. Este resultado vai no mesmo sentido dos obtidos por outros autores, que põem em destaque o facto de crianças com Síndrome de Down apresentarem sistematicamente níveis mais baixos de persistência, quando comparadas com crianças com desenvolvimento normal (Bridges & Cicchetti, 1982; Gunn & Berry, 1985; Legerstee & Weintraub, 1997; Marcovitch, Goldberg, MacGregor & Lojkasek, 1986; Nygaard, Smith & Torgenson, 2002; Puschel & Myres, 1994; Ratekin, 1993; Vaughn, Contreras & Seifer, 1994). b) Na amostra de crianças com autismo foram identificadas diferenças significativas em todas as dimensões e subdimensões do temperamento, por comparação com todas as restantes amostras, resultado consonante com outros estudos realizados em crianças com esta perturbação do desenvolvimento (Bailey, Hatton, Mesibov, Ament, & Skinner, 2000; Hepburn, 2003; Hepburn & Stone, 2006; Konstantareas & Stewart, 2006; Ratekin, 1993). Assim, e comparativamente às crianças com desenvolvimento normal, as crianças com autismo foram avaliadas como mais inibidas pelas educadoras do ensino regular e dos apoios educativos e, em termos médios, como mais impulsivas e com maior emotividade negativa, comparativamente a todas as outras amostras. Foram referenciadas, ainda, em média, como menos persistentes do que as crianças com desenvolvimento normal e do que as nascidas prematuramente. c) As crianças nascidas prematuramente foram avaliadas como menos persistentes do que as crianças com desenvolvimento normal pelas educadoras do ensino regular. Este resultado é consistente com alguns estudos que confirmam, em amostras com características idênticas, a presença de dificuldades específicas de atenção e de manutenção da atenção (Nygaard, Smith & Torgenson 2002; Schraeder & Heverly, 1990).

### ***2.6 Dados normativos preliminares***

Não foram ainda derivadas normas para a população portuguesa, com base numa amostra normativa numerosa e representativa da população pré-escolar. No entanto, na amostra da população geral que constituiu o grupo de controlo para o estudo de validade anteriormente apresentado (n=36) foi possível verificar que os resultados obtidos nas dimensões e sub-dimensões avaliadas pela TABC-R

foram muito semelhantes aos encontrados na população americana, traduzindo-se em resultados T com médias próximas de 50 (oscilando entre 48.61 e 52.81) e desvios-padrão próximos de 10 (entre 8.25 e 9.90). Estes resultados sugerem que, relativamente à avaliação do temperamento através desta Bateria, as crianças portuguesas parecem não diferir substancialmente das crianças americanas.

### 3. Avaliação crítica

#### 3.1 Vantagens e potencialidades

A TABC-R é uma Bateria de administração fácil e rápida, com uma versão destinada a pais e outra a professores, sendo possível, a partir do seu preenchimento, caracterizar o comportamento típico das crianças em vários contextos. Apresenta um manual muito bem organizado, com informações detalhadas de ordem teórica e prática.

Trata-se de um instrumento de avaliação do temperamento com grande potencial de utilização, podendo ser utilizado em vários contextos, nomeadamente, familiar, educacional, clínico e para fins de investigação. Assim, e em *contexto familiar e educativo*, pode ajudar os pais e professores a melhor conhecer e compreender as crianças, nomeadamente em termos do seu desempenho escolar, e fornecer pistas para uma intervenção mais eficaz, quando esta se revelar necessária. Ajuda a diferenciar aquilo que são estilos temperamentais do que são comportamentos já enquadráveis no domínio da psicopatologia, alertando, contudo, para o risco a que estão sujeitas certas crianças com determinadas características temperamentais de poderem, no futuro, desenvolver problemas de comportamento. Neste sentido pode, igualmente, desempenhar um papel importante ao nível da prevenção de problemas de comportamento. Por outro lado, ao permitir interpretar o comportamento da criança à luz das suas características de temperamento, ajuda os educadores a ser mais tolerantes, principalmente no caso de crianças mais difíceis.

O uso da TABC-R pode fornecer aos pais elementos relevantes em contextos clínicos e informações sobre eventuais riscos de saúde a que estão particularmente expostas crianças com características temperamentais específicas. Assim, por exemplo, a criança com resultados elevados na dimensão Impulsividade está particularmente sujeita a acidentes.

Finalmente, a TABC-R tem-se revelado um instrumento eficaz para fins de investigação, em todos os domínios em que se torna necessário avaliar as características temperamentais de crianças com idades entre os 2 e os 7 anos, feitas por pais e/ou educadores.

### 3.2 Limitações

Considera-se fundamental a realização de estudos normativos baseados em amostras numerosas e representativas da população pré-escolar portuguesa. O estudo realizado com amostras clínicas evidenciou algumas limitações, referidas igualmente por outros autores (Goldberg & Marcovitch, 1989), relacionadas com a aplicação de um questionário estandardizado para crianças com desenvolvimento normal a crianças de grupos clínicos específicos, na medida em que alguns itens se mostram inadequados à avaliação do temperamento de crianças com problemas de desenvolvimento.

### 3.3 Desenvolvimento e estudos futuros

Os resultados alcançados nos estudos realizados com a versão portuguesa da TABC-R são animadores quanto às vantagens e potencial de utilização deste instrumento. Daí que a aferição desta Bateria no nosso país surja como uma prioridade em termos de investigação. Outra área de pesquisa a explorar relaciona-se com a adaptação da TABC-R para avaliação do temperamento de crianças com problemas de desenvolvimento, com reformulação de itens que se mostrem inadequados para a avaliação destas populações. A existência de versões paralelas, destinadas a pais e a professores, representa um interessante potencial de investigação, ao permitir esclarecer questões relativas ao acordo nas avaliações feitas por diferentes mediadores do comportamento infantil. Finalmente, a utilização da TABC-R com outras amostras clínicas e não-clínicas com características diversas poderá vir a contribuir de forma relevante para o aumento dos conhecimentos sobre o temperamento de crianças em idade pré-escolar.

### Referências Bibliográficas

- Almeida, M. (2007). *Bateria de Avaliação do Temperamento Infantil – Forma Revista (TABC-R): Estudos em amostras clínicas*. Dissertação de Mestrado não publicada (Psicologia – Avaliação Psicológica), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Bailey, D., Hatton, D., Mesibov, G., Ament, N., & Skinner, M. (2000). Early development, temperament, and functional impairment in Autism and X Fragile Syndrome. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 30 (1), 49-59.
- Bates, J. (1989a). Applications of temperament concepts. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart, (Eds.), *Temperament in Childhood* (pp. 321-356). New York: John Wiley & Sons.
- Bates, J. (1989b). Concepts and measures of temperament. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart, (Eds.), *Temperament in Childhood* (pp. 31-26). New York: John Wiley & Sons.

- Bridges, F. A., & Cicchetti, D. (1982). Mothers' ratings of temperament characteristics of Down Syndrome infants. *Developmental Psychology*, 18 (2) 238-244.
- Carey, W. B. (1989). Practical applications in pediatrics. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart, (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 405-420). New York: John Wiley & Sons.
- Chess, S., & Thomas, A. (1989). Issues in clinical application of temperament. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 377-386). New York: John Wiley & Sons.
- Chess, S., & Thomas, A. (1996). *Temperament: Theory and practice*. New York: Brunner / Mazel.
- Chess, S., & Thomas, A. (1999). *Goodness of Fit: Applications from infancy through adult life*. New York: Brunner / Mazel.
- Frick, P.J. (2004). Temperament and childhood psychopathology. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 33(1), 2-7.
- Goldberg, S. & Marcovitch, S. (1989). Temperament in developmentally disabled children. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp.387-403). New York: John Wiley & Sons.
- Gunn, P., & Berry, P. (1985). Down's Syndrome temperament and maternal response to descriptions of child behavior. *Developmental Psychology*, 21 (5), 842-847.
- Hepburn, S. L. (2003). Clinical implications of temperament characteristics in young children with developmental disabilities. *Infants & Young Children*, 16 (1), 59- 76.
- Hepburn, S. L., & Stone, W. L. (2006). Using Carey Temperament Scales to assess behavioral style in children with Autism spectrum disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 36, 637-642.
- Kagan, J., Reznick, J.S., & Snidman, N. (1989). Issues in the study of temperament. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 133-144). New York: John Wiley & Sons.
- Keogh, B. (1989). Applying temperament research to school. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 437-450). New York: John Wiley & Sons.
- Keogh, B. (1994). Temperament and teachers' views of teachability. In W. B. Carey, S. C. McDevitt (Eds.), *Prevention and early intervention. Individual differences as risk factors for the mental health of children. A festschrift for Stella Chess and Alexander Thomas* (pp. 246-254). New York: Brunner / Mazel.
- Konstantareas, M. M., & Stewart K. (2006). Affect regulation and temperament in children with Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 36 (2), 43-154.
- Legerstee, M., & Weintraub, J. (1997). The integration of person and object attention in infants with and without Down Syndrome. *Infant Behavior and Development*, 20 (1), 71-82.
- Major, S. O. (2007). *Avaliação de aptidões sociais e problemas de comportamento em idade pré-escolar. Estudo exploratório com crianças portuguesas*. Tese de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Marcovitch, S., Goldberg, S., MacGregor, D., & Lojkasek, M. (1986). Patterns of temperament variation in three groups of developmentally delayed preschool children: Mother and father ratings. *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 7, 247-252.
- Martin, R. P. (1988). *Temperament Assessment Battery for Children: Manual*. Austin, TX: Pro-Ed.

- Martin, R. P. (1989). Activity level, distractibility and persistence: Critical characteristics in early schooling. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp.451-462). New York: John Wiley & Sons.
- Martin, R. P., & Bridger, R. C. (1999). *Temperament Assessment Battery for Children – Revised. A tool for the assessment of temperamental traits and types of young children: Manual*. Athens, GA: School Psychology Clinic Publishers.
- Martin, R. P., Olejnik, S., & Gaddis, L. (1994). Is temperament an important contributor to schooling outcomes in elementary school? Modelling effects of temperament and scholastic ability on academic achievement. In W. B. Carey, S. C. McDevitt (Eds), *Prevention and early intervention. Individual differences as risk factors for the mental health of children. A festschrift for Stella Chess and Alexander Thomas* (pp. 59-68). New York: Brunner / Mazel.
- Maziade, M. (1994). Temperament research and practical implications for clinicians. In W. B. Carey, S. C. McDevitt (Eds), *Prevention and early intervention. Individual differences as risk factors for the mental health of children. A festschrift for Stella Chess and Alexander Thomas* (pp. 69-80). New York: Brunner / Mazel.
- Merrell, K. (2002). *Preschool and Kindergarten Behavior Scales – Second Edition*. Austin, TX: PRO-ED.
- Mervielde, I., De Clercq, B., De Fruyt, F., & Van Leeuwen, K. (2005). Temperament, personality, and developmental psychopathology as childhood antecedents of personality disorders. *Journal of Personality Disorders, 19*(2), 171-201.
- Nygaard, E., Smith, L., & Torgenson, A. M. (2002). Temperament in children with Down Syndrome and in prematurely born children. *Scandinavia Journal of Psychology, 43*, 61-71.
- Pueschel S. M., & Myres, B. A. (1994). Environmental and temperament assessments of children with Down's Syndrome. *Journal of Intellectual Disability Research, 38*, 195-202.
- Ramsay, D. (2001). Temperament, stress, and soothing. In T. D. Wachs, & G. A. Kohnstamm (Eds.), *Temperament in context* (pp. 25-41). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ratekin, C. (1993). Comparison of temperaments ratings in children with Autism, children with mental retardation, and typical Children. Acedido em 18 de Janeiro de 2006, de [http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content\\_storage\\_01/0000019b/80/13/09/34.pdf](http://www.eric.ed.gov/ERICDocs/data/ericdocs2sql/content_storage_01/0000019b/80/13/09/34.pdf).
- Rutter, M. (1989). Temperament: Conceptual issues and clinical implications. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 463-482). New York: John Wiley & Sons.
- Saltaris, C. (2002). Psychopathy in juvenile offenders: Can temperament and attachment be considered as robust developmental precursors? *Clinical Psychology Review, 22*, 729-752.
- Sanson, A., Hemphill, S. A., & Smart, D. (2004). Connections between temperament and social development: A review. *Social Development, 13*(1), 142-170.
- Schmeck, K., & Poustka, F. (2001). Temperament and disruptive behavior disorders. *Psychopathology, 34*, 159-163.
- Schraeder, B. D., & Heverly, M. A. (1990). Temperament, behavior problems, and learning skills in very low birth weight preschoolers. *Research and Nursing Health, 13* (1), 27-34.
- Strelau, J. (2001). The role of temperament as a moderator of stress. In T. D. Wachs, & G. A. Kohnstamm (Eds.), *Temperament in context* (pp. 153-172). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

- Van Den Boom, D. (1989). Neonatal irritability and the development of attachment. In G. A. Kohnstamm, J. E. Bates, & M. K. Rothbart (Eds.), *Temperament in childhood* (pp. 299-318). New York: John Wiley & Sons.
- Vaughn, B. E., Contreras, J., & Seifer, R. (1994). Short-term longitudinal study of maternal ratings of temperament in samples of children with Down Syndrome and children who are developing normally. *American Journal on Mental Retardation*, 98 (5), 607-618.
- Windle, M. (2000). A latent growth curve model of delinquent activity among adolescents. *Applied Developmental Science*, 4(4), 193-207.
- Zigler, E., & Hall, N. W. (1994). Seeing the child in child care: Day care, individual differences, and social policy. In W. B. Carey, & S. C. McDevitt (Eds.), *Prevention and early intervention. Individual differences as risk factors for the mental health of children. A festschrift for Stella Chess and Alexander Thomas* (pp. 237-245). New York: Brunner / Mazel.

### Temperament assessment battery for children – revised

Numerous studies suggest that temperament may be considered a particularly useful variable in the understanding of interactions between children and their social environment. In this context the assessment of temperament has progressively been highlighted as an important component of the psychological assessment of children. In this paper we present the questionnaire *Temperament Assessment Battery for Children – Revised* (TABC-R, Martin & Bridger, 1999) concerning its composition, theoretical founding, administration and scoring procedures, and interpretation of results. The questionnaire is applicable to children aged 2 to 7 years and has both a parents' and a teachers' version. Results of studies with the TABC-R in Portugal are presented (N=138), with a special emphasis on reliability and validity studies. In general, results point out to good psychometric characteristics, which are encouraging regarding the potential use of the questionnaire in Portugal, where no alternative instruments exist for assessing temperament in this age group. Finally, the TABC-R is revised concerning its main potentialities and limitations, and some clues for future studies are pointed out.

KEY-WORDS: Temperament; Preschoolers; Psychological Assessment; TABC-R.

### Batterie d'évaluation du tempérament de l'enfant – forme révisée

De nombreuses études suggèrent que le tempérament peut être considéré comme une variable particulièrement utile à la compréhension des interactions entre les enfants et son milieu social. Dans ce contexte, l'évaluation du tempérament est, de plus en plus, considérée une composante importante de l'évaluation psychologique des enfants. Dans cet article on présente le questionnaire *Temperament Assessment*

*Battery for Children – Revised* (TABC-R, Martin & Bridger, 1999) en ce qui concerne sa composition, base théorique, procédures d'administration et cotation et interprétations des résultats. Ce questionnaire a deux versions, l'une destinée aux parents et l'autre aux professeurs, et est utilisé pour évaluer les enfants âgés de 2 à 7 ans. Les résultats des études conduits au Portugal avec la TABC-R sont présentés (N=138), en spécial ceux qui concernent la fiabilité et la validité de l'instrument. En général les résultats indiquent de bonnes caractéristiques psychométriques, encourageantes de la potentielle utilisation du questionnaire au Portugal, d'autant plus que nous n'avons pas dans notre pays d'autres instruments pour évaluer le tempérament de ce groupe d'âge. Finalement, une évaluation critique de la TABC-R est faite, se concentrant sur ses principaux points forts et ses limites, et des pistes pour de futures études sont signalées.

MOTS-CLÉS: Tempérament; Age préscolaire; Evaluation Psychologique; TABC-R.